

Tribuna de Minas

GRUPO SOLAR

Propriedade da Esdeva Indústria Gráfica S.A.

Ações sociais

Uma pesquisa apresentada pela Fundação Getúlio Vargas apontou que a maioria dos abrigados no sistema carcerário do país tem entre 20 e 29 anos, numa clara demonstração de que é preciso enfatizar as políticas públicas para jovens e adolescentes, que viram presas fáceis do crime, sobretudo pelos componentes que complementam esse quadro. Embora haja investimentos, o cruzamento de dados demonstra que é preciso ir mais longe.

Ao mesmo tempo que a FGV fechava sua pesquisa, professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, participando de um encontro em Caxambu, no qual estão reunidos até amanhã cientistas políticos e sociais de todo o país, indicaram que o atual modelo produtivo protege o emprego qualificado, gerando guetos urbanos de classe média-alta. Se, no primeiro caso, os jovens formam o maior contingente de presos, a exclusão do mercado de trabalho desses mesmos jovens os induz ao crime.

As duas avaliações chegam num momento em

que os políticos se preparam - mesmo faltando um ano - para as eleições municipais. Os dois temas são importantes, pois fogem do discurso comum de obras e outras realizações, quando políticas de médio e longo prazo também são fundamentais para a vida das cidades. Muitas delas, aliás, desenvolvidas sob a responsabilidade do município. A falta de oportunidade tem sido perversa, sobretudo nas metrópoles. Embora se situe entre as de porte-médio, Juiz de Fora não pode se afastar da discussão, pois mais dia, menos dia, terá que tomar providências nesse sentido por força do seu inevitável crescimento acoplado ao desenvolvimento da região.

O combate à violência é, prioritariamente, da instância federal, mas, há tempos, ficou claro que não se trata de um investimento que se esgota na esfera da União. Estados e municípios também são parte e devem atuar em políticas sociais, que funcionam como bloqueio para quem, pela falta de oportunidade, é levado para o mundo do crime.